



Discurso de Posse

Belém (PA), 14 de abril de 2011.

Página | 1



Discurso proferido pelo novo sócio efetivo

Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán

Por ocasião de sua posse da Cadeira Nº 23, patronímica de João Lúcio de Azevedo



A

HISTÓRIA DESSACRALIZADA: UMA TRADIÇÃO DO IHGP .

Senhora Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará,

Senhores Secretários de Estado, Senhor Diretor do Museu Histórico

do Estado do Pará, Senhora Diretora Geral da Faculdade Integrada Brasil Amazônia, Excelências, Senhoras e senhores:

2. Em primeiro lugar dirijo saudação deferente e meu mais caloroso agradecimento a todos os que me honraram com a eleição para ocupar a cadeira de nº 23 como Sócio Efetivo deste secular Instituto, fundado em 1900.

3. Hoje começo a pronunciar algumas palavras no contexto deste Instituto Histórico e onde deverei discursar durante anos talvez. Isto me levou a refletir sobre “o começo” e o “recomeço”.

4. Os filósofos e os antropólogos afirmam que as instituições tornam os começos — todos os começos e recomeços — solenes, aparatosos, por vezes afetados. Elas os envolvem



em anéis de atenção e de silêncio e lhes obrigam a cumprir formas ritualizadas. É como se os começos devessem ser vistos à distânciaⁱ. Mas, nós brasileiros, como já dizia com razão o historiador Sérgio Buarque de Holanda, “*somos avessos aos ritualismos, nos acomodamos mal às cerimônias e buscamos quase que instantaneamente aplacar ou abrandar este horror que temos às distâncias e separações*”. Entre nós a severidade do rito inclina-se ao relaxamento e à afabilidadeⁱⁱ. E para honrar este modo de ser, não pretendo fazer longo discurso.

5. Contudo, a ocasião pede algumas palavras de elogio aos meus predecessores. Três foram eles: primeiro o fundador da cadeira, João Lúcio de Azevedo, depois o Professor Temístocles de Santana Marques, e por último o Dr. José Maria de Azevedo Barbosa. Vou lembrar com mais atenção o primeiro e o segundo, sem desmerecer a figura do terceiro, simplesmente porque não tenho o tempo necessário para desenvolver um discurso sobre todos eles neste momento.

6. Começo então pelo fundador da cadeira, João Lúcio de Azevedo.

João Lúcio de Azevedo: o fundador da cadeira.

7. Nascido em São Martinho, freguesia de conselho de Sintra, a 16 de abril de 1855 e falecido em Lisboa aos 78 anos (em 1933), João Lúcio chegou à capital paraense em 1873. Tinha dezoito anos de idade. O veleiro que o trouxe fez a viagem em seis semanas. Nesta época, os veleiros demoravam mais que os paquetes a vapor em razão de que estavam mais dependentes da instabilidade do tempo e das correntezas marítimas. Os paquetes podiam cumprir regularmente um calendário prestabelecido de duas semanas entre Lisboa e Belém. De qualquer modo, esta foi a primeira longa viagem do nosso Azevedo em sua diuturna vida. Deixou para traz a Lisboa das sete colinas, de clima temperado e ameno. Após tanto tempo no mar, ao chegar a Belém viu a imensa floresta e o rio Amazonas pela primeira vez. Sentiu bater forte o vento quente e úmido no rosto, molhando seu fato com a primeira chuva de hora certaⁱⁱⁱ.



8. Como seus compatriotas, ele planejou acumular um “*pé de meia*” para retornar ao país natal um dia. Neste período, alguns jovens portugueses como ele, tão logo chegaram, integraram-se à vida paraense com a ajuda dos seus conterrâneos aqui assentados e “estabelecidos”. Sabemos que a principal atividade exercida pelos portugueses em Belém nesta época era o comércio. A maioria deles era formada de proprietários, empregados, auxiliares, ou negociantes, ambulantes, livreiros, caixeiros ou ainda guardas-livros. Em 1893, o geógrafo Elisée Reclus, notou em Belém que os portugueses controlavam grande parte do comércio internacional e a retalho. Isso porque as famílias tradicionais paraenses e os portugueses entre eles, como os Bezerra, os Lobato, os Miranda, os Gama Abreu, a família Pombo, os Chermont, os Monard, os Malcher, e outros, todos eram proprietários de grandes áreas de criação de gado, engenhos de açúcar e olarias em várias localidades da Ilha de Marajó, em Belém e seu entorno. Combinavam estas atividades com a extração de seringa entre 1870 e 1920. Aos imigrantes recém-chegados à capital o comércio de varejo era a melhor alternativa^{iv}.

9. Uma estratégia frequente dos jovens recém-chegados para integrarem-se ao novo meio foi o casamento com filhas da comunidade lusa paraense; Azevedo não fugiu à regra da homogamia e da endogamia nos casamentos amplamente praticados pela comunidade lusitana neste tempo^v. Foi com este impulso que ele se casou em 1880 com a prima, Ana da Conceição Botelho.

10. Em seguida, este casamento terá papel essencial na carreira de Azevedo, porque sua esposa era filha de Eduardo Tavares Cardoso, português natural de Peniche (distrito de Leiria) e proprietário da primeira e maior livraria comercial em Belém: a Universal. Foi nesta livraria que Azevedo se empregou como caixeiro-viajante e fortaleceu a grande erudição histórica que depois patenteou em seus livros. Neste emprego, ele conheceu todo o interior próximo de Belém. Além disso, autodidata que era e não satisfeito com suas leituras em



português, aprendeu outras línguas: ele passou a falar, ler e escrever fluentemente o francês, o espanhol e o alemão^{vi}.

11. Em 1885, com a morte do tio e sogro, ele assumiu a gerência da empresa e reduziu suas viagens pelo interior do Pará. A partir daí, Belém foi seu principal lugar de trabalho e moradia até 1910. Nessa época Belém era como uma grande colméia em agitação. Para termos idéia desse rebuliço, a população da cidade em 1872 que era de 62.000 habitantes cresceu sem parar chegando a 97.000 habitantes em 1900. Ou seja, em apenas 28 anos os moradores de Belém aumentaram cerca de 65%^{vii}; as áreas próximas à Cidade Velha, aos poucos vão se transformar em centros comerciais, empurrando as famílias para as zonas mais afastadas e dando início às “rocinhas” dos atuais bairros de Nazaré, Umarizal e Batista Campos^{viii}; foram projetados o novo Porto, o Mercado do Ver-o-Peso, o Hospital Dom Luiz e o Grêmio Literário Português (ambos pelos patrícios portugueses); instalada a *Amazon Telegraph Company*; O Teatro da Paz (aberto ao público em 1878); 43 fábricas; 5 bancos; 4 Companhias Seguradoras; implantação da iluminação a gás; entre outros equipamentos que davam à cidade uma fisionomia de metrópole. Esta foi a Belém que deixou impressionado João Lúcio de Azevedo^{ix}.

12. O gosto literário pelos romances populares franceses predominava nas livrarias. Em 1868, o livreiro António Maria Pereira responsável pela compra de volumes para a Biblioteca do Grêmio Literário Português demonstrava um gosto francófilo evidente. Entre as 218 obras enviadas ao Grêmio nesse ano, a presença de escritores portugueses era mínima se comparada à de franceses. De Portugal, incluíam-se obras de Almeida Garret, (*Viagens da minha Terra, Flores sem Frutos e Portugal na Balança da Europa*); Alexandre Herculano, (*Monge de Cister e Origem da Inquisição*); e um verdadeiro *best-seller*, Camilo Castelo Branco. Entretanto, os franceses dominavam o panorama literário. Prova da preeminência francesa no comércio livreiro português é a quantidade de obras traduzidas que atravessavam o Atlântico nessa época. Charles Paul de Kock; Eugène Sue; Pierre Alexis de Ponson du



Terrail; Paul Féval; Alexandre Dumas; Victor Hugo todos são a principal leitura dos portugueses paraenses e não apenas deles. Além desses romances populares do XIX, Antonio Maria Pereira também reservou espaço aos românticos, como Chateaubriand e Lamartine. Este gosto se amplificou ao passar dos anos. Como todos sabem, o francesismo literário, culinário, arquitetônico, vestuário, civilizacional enfim é um fenômeno da virada do século XIX para o XX, e não apenas em Belém^x.

13. Os espetáculos no Teatro da Paz fascinavam os imigrantes portugueses. A lotação de 1100 espectadores era frequente. Entre 1878 e 1907, sucederam-se muitas companhias dramáticas, líricas e de variedades. Óperas do repertório clássico como *Don Carlo* de Verdi, *Tosca* de Puccini, *O Guarani* de Carlos Gomes e muitas outras compunham um sistema musical completo formado por produtores, um público de ópera, e uma crítica em interação dinâmica e razoavelmente articulada. Estabeleceu-se nesta época certa continuidade da tradição operística em Belém^{xi}.

14. Mas estudar e divulgar a presença portuguesa na Amazônia dos séculos XVII e XVIII talvez fosse um modo de Azevedo manter os laços afetivos com a sua pátria. Por isto talvez tenha começado a formação de historiador diletante no estudo da História do Estado do Grão-Pará do período colonial. Esta já surge no seu primeiro livro sobre estudos paraenses, com título homônimo, de 1893, publicado às próprias expensas. É clara neste primeiro livro a intenção de obter reconhecimento dos eruditos locais. Mas é clara também a manifestação de um estilo de escrever história que dessacraliza a própria história^{xii}. E aqui está a grande novidade da obra deste historiador.

15. Enquanto outros historiadores consideravam as revoluções políticas o melhor fator de demarcação dos períodos históricos, Azevedo considerava a combinação de elementos sociais, políticos e econômicos da história da Amazônia como os demarcadores de uma era. A vinda do padre Vieira ao Amazonas não teria sido um fator de ordem religiosa predominantemente, mas uma combinação de fatores. Hoje esta maneira de pensar



a história fora dos determinismos é corrente. Azevedo já o fazia bem antes da renovação metodológica proposta ao mundo dos historiadores pela Escola dos Annales durante a segunda guerra mundial.

16. Poderíamos continuar o elenco das dessacralizações cometidas por Azevedo, mas aqui não é o momento. Mas enfim poderíamos dizer sem exagero que muito do espírito renovador de João Lúcio de Azevedo certamente provém dos anos em que viveu na Belém da Belle-époque. Um espírito aberto aos sopros do mundo e das intensas leituras que as bibliotecas belenenses propiciavam, em particular a sua própria toda edificada aqui nesta cidade.

17. Nosso outro predecessor, José Maria de Azevedo Barbosa, tem formação e trajetória diversas, porém meritórias de lembrança.



Notas

ⁱ GENNEP, Arnold Van. *Les rites de passage*. Paris : Éditions Émile Nourry, 1909; FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1970.

ⁱⁱ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 149ss.

ⁱⁱⁱ LEITE, Joaquim da Costa. “O transporte de emigrantes: da vela ao vapor na rota do Brasil, 1851-1914”, em: *Análise Social*, vol. XXVI (112-113), 1991 (3º - 4º), 741-752.

^{iv} RECLUS, Elisée. *Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia, estatística*. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier Livreiro Editor, 1900, p. 136;

^v CANCELA, Cristina D. & BARROSO, Daniel S. “Imigração portuguesa e casamento: um olhar a partir do gênero, da geração e da atividade (Belém, 1908-1920)”, em: SARGES, Maria de Nazaré [et al.]. *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010, pp. 32-41; MARIN, Rosa E. A. “Alianças Matrimoniais na Alta Sociedade Paraense no Século XIX”, em: *Revista Estudos Econômicos*, USP, São Paulo, v. 15, 1985.

^{vi} Na correspondência mantida por anos com o historiador cearense Capistrano de Abreu, podemos encontrar muitas referências às leituras de João Lúcio de Azevedo em línguas europeias além do português.

^{vii} IBGE, *Sinopse do Recenseamento de 1920*. Rio de Janeiro, 1926.

^{viii} SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000, pp. 55-56.

^{ix} IDEM, p. 92.

^x AUGUSTI, Valéria. *Considerações sobre a constituição do acervo do Grêmio Literário Português de Belém do Pará*. Mimeo.

^{xi} PÁSCOA, Márcio. *Cronologia lírica de Belém*. Belém: AATP, 2006.

^{xii} AZEVEDO, João Lúcio de. *Estudos de História Paraense*.